

Ricardo Evangelista Brandão<sup>1</sup>

### **A desordem na ordem: breves considerações acerca do conceito de ordem na cosmologia de Santo Agostinho**

**Resumo:** Ao observarmos a ordem da natureza, percebemos diversos fenômenos que por sua aparente pouca importância nos parecem casuais, e outros que aparentam estar fora da ordem natural. Mas será que é possível acontecer algo fora do ordenamento da natureza? Ou todos os fenômenos do cosmos estão dentro de uma ordem pré-estabelecida? Agostinho não é indiferente acerca desses problemas, e em seu diálogo *De ordine* defende que tudo está dentro da ordem, e mesmo o que sai da ordem por algum motivo é recomposto à ordem, pois Deus o ordenador do cosmos, perfeito que é, não permite que nada escape à ordem. Desta forma, o cosmos possui uma lógica em seu funcionamento, que revela que a sua ordem foi um projeto da inteligência suprema.

**Palavras-chave:** Cosmologia filosófica, Ordenamento, Santo Agostinho.

**Abstract:** When we look to natural order, we perceive various phenomena which, although apparently of little importance, seem to have a cause for their being. We also perceive other phenomena that seem to be out of natural order. But is it possible that something happens outside natural order? Or are all cosmic phenomena within a pre-established order? Augustine was sensitive to these questions and to their cosmological, anthropological and theological repercussions. In his *De ordine* he argues that everything in the cosmos is in order, and that even if there were something apparently out of order, this may be reinstated to order. This must be as such since if God is the originator of the cosmos, and if he is the supreme perfection, he cannot allow anything to be out of his order. Thus, there is an intrinsic logic in the cosmos, which reveals the supreme intelligence of his maker.

**Keywords:** Cosmology, Order, Saint Augustine.

Levando-se em consideração que o termo *ordo* (ordem) é utilizado por Agostinho em mais de um significado, se faz pertinente delimitar em

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pelo Programa Integrado de Doutorado em Filosofia UFPE/UFPB/UFRN. Professor Substituto do departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: ricardobrand75@gmail.com.

que sentido o utilizaremos nesse artigo. No latim o substantivo *ordo* significa: ordem, arrançamento, disposição, dispor convenientemente os elementos de um determinado conjunto, dispor com regularidade os acontecimentos, etc<sup>2</sup>. Podemos dizer que, sem dúvida, Agostinho utilizou o termo *ordo* em cada um dos significados supra elencados com aplicações diversas, de forma que com o vocábulo *ordo* intencionamos significar a maneira como o real foi organizado pelo ordenador supremo, estando assim embutida neste amplo conceito a maneira como toda a realidade encontra-se hierarquicamente organizada com diversos graus de ser. Como satisfatoriamente afirma a agostinóloga Paula Oliveira e Silva, ao trabalhar o conceito de *ordo* na ontologia de Agostinho:

Quase sempre identificada com a ideia de hierarquia ontológica, a noção de ordem parece exercer fascínio sobre a mente. A ordem é contudo uma noção complexa. Para explicar, a linguagem humana socorre-se de uma constelação de imagens, descrevendo-as através de escalas de seres, degraus de percepção intelectual, pirâmides de conceitos, árvores de saberes. A este esforço da razão está subjacente a convicção de que sem ordem não há racionalidade. Subconjunto desta certeza é a persuasão de que todo o real está disposto hierarquicamente, mediante formas diferenciadas de ser<sup>3</sup>.

Diante disto, o conceito em questão pode ter variadas aplicações, sendo aplicável tanto a esfera moral como a cosmológica, de maneira que se faz necessário melhor esclarecer o sentido pretendido com o termo, fazendo uso da interpretação dos textos basilares de Agostinho a respeito do assunto, começando pelo uso mais abrangente feito pelo Pensador, até chegarmos a trabalhar o termo *ordo* com o conceito mais apropriado ao nosso objeto de estudo.

Assim sendo, poderíamos dizer que uma conceituação que une todas as possíveis aplicações do termo por nosso Filósofo, é que a ordem é

<sup>2</sup> Cf. F. R. S. SARAIVA, *Dicionário latino – português*, Livraria Garnier, Belo Horizonte 2006, pp. 826-827; E. FARIA, *Dicionário latino-português*, Livraria Garnier, Belo Horizonte 2003, p. 686; A. R. A. FERREIRA, *Do escondido: Santo Agostinho e os limites da estética*, Universidade de Lisboa, Lisboa 1986, pp. 169, 230.

<sup>3</sup> Paula OLIVEIRA e SILVA, *Ordem e mediação. A ontologia relacional de Agostinho de Hipona*, Letra e Vida, Porto Alegre 2012, p. 11

como Deus ordenou ou organizou todas as coisas: «A ordem é aquilo pelo qual são feitas todas as coisas que Deus estabeleceu»<sup>4</sup>. O presente fragmento do diálogo é uma definição de Licêncio, não de Agostinho, contudo, o mestre não negará esta definição em momento algum do diálogo, e, muito pelo contrário, ela será fortalecida com a problematização do mestre. De forma que após muita discussão entre os participantes do diálogo, é afirmado a consequência natural da sentença definidora citada: se a *ordo* é a maneira como Deus fez todas as coisas por Ele estabelecidas (*per quem aguntur omnia quae Deus constituit*), e não existe nada que não tenha sido criado por Deus, assim, necessariamente tudo de alguma forma está contido na ordem<sup>5</sup>. Neste caso, tudo está enquadrado na ordem, até mesmo aquilo que aparentemente é indecente como, por exemplo, a prostituta e o verdugo<sup>6</sup>. É óbvio que a prostituta e o verdugo não foram criados por Deus, mas uma vez que o homem com a queda perverteu na esfera moral a ordem primeira estabelecida pelo Ordenador primeiro; esses expedientes criados pelo homem foram incorporados à ordem, e não só isso, eles têm um papel a cumprir na ordem, de forma que tudo, mesmo o que é feito pelo homem contra a ordem, de alguma maneira está contido na ordem, nem que seja para ser punido ou purgado pela ordem.

Destarte, nesse amplo conceito de *ordo*, pode estar inserido até mesmo a ordem da salvação, a humana, a ordem do amor, etc.<sup>7</sup>. Todavia, é nossa pretensão trabalhar a ideia de ordem cósmica, ou seja, estudaremos a ordem enquanto maneira como Deus organizou o mundo natural, para em seguida, nela investigar a beleza sensível. Contudo, na medida em que mesmo nessa última delimitação ainda temos um conceito

<sup>4</sup> SAN AGUSTÍN, *Del orden*, in *Obras completas de San Agustín*, 6. ed. bilingüe, trad. intr. y notas Victorino Capanaga, La Editorial Católica / BAC, Madrid 1994, t. I, I, 10, 28: «*Ordo est, inquit, per quem aguntur omnia quae Deus constituit*».

<sup>5</sup> *Ibidem*, II, 7, 21.

<sup>6</sup> Cf. *ibidem*, II, 4, 11, 12

<sup>7</sup> Acerca da polissemia do termo *ordo*, comenta Virgilio Pacioni: «O mais surpreendente é que sem perder de vista os numerosos significados deste termo polissêmico, Agostinho vê o Deus pessoal e transcendente da tradição cristã como fonte da *ordo*, a beleza presente em todas as coisas» (V. PACIONI, «Orden», in A. D. FITZGERALD (org.), *Diccionario de San Agustín: San Agustín a través del tempo*, trad. Constantino Ruiz-Garrido, Editorial Monte Carmelo, Burgos 2006, p. 965).

deveras amplo, porque abarca quase toda a cosmologia do Hiponense – visto que não há um único aspecto do cosmos que não fora estabelecido por Deus – trabalharemos o conceito de *ordo* delimitado especificamente pelos temas a seguir: os fenômenos regulares da natureza; a impossibilidade de casualidade dos mesmos fenômenos aliados a ideia da causalidade, teleologia e providência cósmica; organização holística e hierarquia dos seres da natureza.

Todos os temas que citamos acima são trabalhados pelo Hiponense, na intenção de demonstrar a existência de um ordenamento divino na natureza. Ou seja, a complexidade do conjunto da criação e suas imutáveis leis revelam que há uma lógica no funcionamento do mundo, e que conseqüentemente existe um ordenador responsável por ela. O problema da ordem do cosmos é pensado por Agostinho em diversas obras, contudo, percebemos um debruçar especial no diálogo *De ordine*. Deste modo, embora não excluindo outros importantes textos, nos ancoraremos no citado diálogo no trato do assunto.

No diálogo *De ordine* que aconteceu em seu retiro filosófico-teológico de Cassiciaco<sup>8</sup>, Santo Agostinho, no estilo dos diálogos platônicos, assume o papel similar ao de Sócrates com os dois interlocutores, os adolescentes Licêncio e Trigécio, sempre interrogando e problematizando acerca da ordem universal. No bojo da referida obra, o Santo Doutor aplica à sua maneira ao menos duas das quatro causas aristotélicas<sup>9</sup>, objetivando explicar que o conjunto da natureza não está

<sup>8</sup> A expressão filosófica-teológica aqui usada não é fortuita, pois essa obra é preponderantemente filosófica, já que foi escrita no retiro de Cassiciaco, em que o autor ainda sendo neófito, está mais ligado a filosofia do que a teologia. Segundo V. CAPANAGA, «Introducción general: el universo Agustino», in SAN AGUSTÍN, *Obras completas de San Agustín*, trad., intr. y notas Victorino Capanaga, 6. ed., La Editorial Católica / BAC, Madrid 1994, t. 1, p. 589: «Os livros de *Sobre a Ordem* foram escritos como fruto de três diálogos sobre providência divina nos dias 16, 17 e 23 de novembro do ano de 386». Levando em consideração que Agostinho se converteu ao Cristianismo em agosto de 386 (Cf. P. BROWN, *Santo Agostinho. Uma biografia*, trad. Vera Ribeiro, Record, Rio de Janeiro 2005, p. 90), quando aconteceu o diálogo gerador de *Sobre a ordem*, contava com aproximadamente 3 meses de conversão.

<sup>9</sup> Segundo Aristóteles todos os seres possuem ao menos quatro causas: causa formal, que constitui o modo de ser da coisa ou a forma que determina o que a coisa é; causa material, que constitui o material de que algo é feito; causa eficiente, que é a causa motora ou geradora dos entes, e a causa final que designa a finalidade

largado ao acaso, mas funciona segundo leis pré-elaboradas, na medida em que cada parte da criação cumpre seu papel teleológico. Poderíamos dizer que o *De ordine*, é a maneira agostiniana de afirmar que todo o conjunto do cosmos, até mesmo as criaturas que segundo a mente humana são mais fortuitas como: insetos, animais venenosos e árvores infrutíferas, que aparentemente beleza ou bem nenhum têm, possuem uma causa eficiente e uma causa final. Isto é, nada existe por acaso, mas está atrelada a uma causa eficiente antecedente que o causou, e a própria causa eficiente também possui a sua causa, e consecutivamente, formando assim uma grande corrente de causas e efeitos. Porém, essa grande corrente de causas eficientes inseridas no curso da natureza, também está atrelada a causas finais, que de certa forma faz com que as causas eficientes sejam meios para alcançar as causas finais, tornando assim todo o cosmos um grande projeto bem conduzido e belamente ordenado pelo Criador. Sendo assim, na medida em que Deus é plena sabedoria, cada criatura que ele criou, foi criada para um determinado objetivo, logo, todos os seres possuem uma causa geradora e uma finalidade previamente definida pelo Ordenador do universo.

Já no prólogo do diálogo, Agostinho estabelece que o cosmos é resultado de um projeto racional, e que por consequência o cosmos tanto

de cada ente. Como diz o Estagirista na *Metafísica*: «Causa, num sentido, significa a matéria de que são feitas as coisas: por exemplo, o bronze da estátua, a prata da taça e seus respectivos gêneros. Em outro sentido, causa significa a forma e o modelo, ou seja a noção da essência e seus gêneros; por exemplo, na oitava a causa formal é a relação de dois para um e, em geral, o número. E a causa neste sentido são também as partes que entram na noção da essência. Ademais, causa significa o princípio primeiro da mudança ou do repouso; por exemplo, quem tomou uma decisão é causa, o pai é causa do filho e, em geral, quem faz é a causa do que é feito e o que é capaz de produzir mudança é causa do que sofre mudança. Além disso, a causa significa o fim, quer dizer, o propósito da coisa: por exemplo, o propósito de caminhar é a saúde. De fato, por que motivo se caminha? Respondemos: para ser saudável [...]. E o mesmo vale para todas as coisas que são movidas por outro e são intermediárias entre o motor e o fim; por exemplo, o emagrecimento, a purgação, os remédios, os instrumentos médicos são todos por causa da saúde» (*Metaf.*,  $\Delta 1/2$ , 1013 a 24-1013b4). As duas primeiras causas são intrínsecas ao ser, e as duas últimas são extrínsecas, são justamente essas duas últimas causas que o Hiponense se apropria para explicar as leis do cosmos no *Sobre a Ordem*.

em suas partes como em sua totalidade é racional, não existindo assim espaço para o acaso na natureza:

Mas quem tem uma mente tão cega que duvide em atribuir ao poder e governo divinos o que há de racional nos corpos que se movem, o que está além da possibilidade e vontade humanas? A menos que se imagine que os membros de alguns minúsculos animais, dotados de tão proporcional e engenhosa dimensão, se devam à casualidade ou, se alguém nega que isto se deva à casualidade, possa explicar-se se não pela razão<sup>10</sup>.

Se todas as criaturas não existem por acaso, mas participam da ordem estabelecida por Deus, o que diremos dos eventos que acontecem fora da ordem estabelecida. Ou seja, o que dizer quando alguma criatura da natureza age contra o propósito para o qual foi criada? Será que não temos assim um acaso e uma conseqüente quebra na ordem divina?

Este problema é posto no princípio do diálogo, onde o Hiponense deitado à noite, escutando o barulho variado das águas da chuva na calha da casa, põe-se a investigar com seus interlocutores se aquele acontecimento aparentemente fortuito é um acidente casual, ou também faz parte da ordem<sup>11</sup>. Licêncio afirma que o motivo da variação de sons causados pelas águas da chuva, se dá pelas folhas caídas e que continuavam caindo das árvores, pois, era outono, período em que as folhas se desprendem das árvores, de forma que a pressão da água nas folhas as movimentava causando variados sons<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> SAN AGUSTÍN, *Del orden*, op. cit., I, 1, 2: «*Sed quis tam caecus est mente, ut quidquam in movendis corporibus rationis quod praeter humanam dispositionem ac voluntatem est, divinae potentiae moderationique dare dubitet? nisi forte aut casibus tam rata subtilique dimensione vel minutissimorum quorumque animalium membra figurantur; aut quod casu quis negat, possit nisi ratione factum fateri*» (*De ord.*, I, 1, 2 – PL 32).

<sup>11</sup> Cf. SAN AGUSTÍN, *Del orden*, op. cit., I, 3, 6.

<sup>12</sup> Eis a transcrição do texto: «O que você acha que pode ser – respondeu Licêncio – senão que nesta época do outono as folhas constantemente caem em grande quantidade ficando presas nos pontos estreitos do canal e às vezes se desprendem e cedem passagem à água represada; depois que esta tenha passado, novamente começam a ajuntar-se as folhas represando o canal, ou alguma outra coisa aconteça diversamente com as folhas flutuantes que possa ora represar o fluxo das águas ora deixá-lo fluir? – Quid putas, inquit Licentius, nisi alicubi folia cuiuscemodi quae autumnno perpetuo copioseque decidunt, angustiis canalis intertrusa evinci aliquando atque cedere; ubi autem unda quae urgebat,

Após várias considerações dos participantes do diálogo, a tese fundamental é estabelecida: apesar dos vários fenômenos da natureza acima referidos, nenhum é casual, pois, tudo possui uma causa. A causa das folhas caírem é a estação do outono, o fato de escutarem o barulho variado das águas é porque construíram suas casas próximas às árvores, até mesmo se as referidas árvores forem infrutíferas existe uma causa para isso, embora não a conheçamos. Portanto, nada acontece sem uma causa: «Basta saber que nada é gerado, nada é feito sem uma causa suficiente, que o produza e lhe conduza ao fim»<sup>13</sup>.

No caso analisado por Agostinho temos a causa eficiente com suas várias correntes de causa e efeito, mas não temos uma causa final, visto que, embora todos os acontecimentos que levaram ao resultado de um som variado das águas na calha da casa possuem as causas que citamos em nosso texto, na medida em que não é da finalidade da árvore soltar as folhas em uma calha, mas na terra ou em vegetações menores, o evento folhas que caem em uma calha, não faz parte da finalidade da queda das folhas, não tendo assim uma finalidade presente na ordem natural das coisas. Quando algo acontece fora do curso natural dos eventos, embora muitas vezes fuja da finalidade para a qual foi criada, não podemos dizer que são casuais, e, além disso, de alguma maneira são abarcados na ordem pela Providência divina, que se preocupa com todas as mínimas coisas que acontecem no universo:

pertransierit, rursum colligi atque stipari: aut aliquid aliud vario casu foliorum natantium fieri, quod ad illum fluxum nunc refrenandum, nunc emittendum similiter valeat?» (SAN AGUSTÍN, *Del orden*, op. cit., I, 3, 7).

<sup>13</sup> Cf. SAN AGUSTÍN, *Del orden*, op. cit., I, 5, 14 : «Satis est nihil fieri, nihil gigni quod non aliqua causa genuerit ac moverit». Está claro pelo que dissemos até aqui, que o acaso no presente diálogo é algo despido de qualquer causa, portanto, o acaso não existe na natureza. O que não quer dizer que não exista acontecimento sem finalidades no cosmos. Quando dizemos que um coelho selvagem comeu uma cenoura, esse acontecimento possui uma causa e uma finalidade, pois, a causa do coelho comer uma cenoura, é em sua busca por alimentos ter passado pelo local em que estava a cenoura, e a causa da cenoura ser comida é ter nascido em um lugar por onde passou um coelho, além disso, nenhum dos dois no referido acontecimento são despídos de finalidade, pois o coelho sendo um animal que se alimenta de vegetais comeu a cenoura com a finalidade de se alimentar, e a cenoura sendo um vegetal, no referido acontecimento teve a finalidade de alimentar o animal.

Quem negará, ó grande Deus! Que tudo administras com ordem? Como se relacionam entre si todas as coisas do universo, com que ordenas a sucessão para determinadas finalidades! Quão variados acontecimentos nos acorrem para que nós iniciássemos essa discussão<sup>14</sup>.

De maneira semelhante, Plotino em discussão com diversas modalidades de determinismos<sup>15</sup>, na terceira *Enéada* defende que não existe nada que não possua uma causa, desde os menores seres e eventos naturais e até mesmo na realidade extra-cósmica das duas hipóstases inteligíveis, tudo possui uma causa geradora. O único que mesmo sendo a causa de tudo, não possui causa é o *Uno*. Como explica o Filósofo, dissertando acerca das duas realidades submetidas à lei da causação, a realidade inteligível da segunda e terceira hipóstase e a sensível do cosmos sensível:

É necessário afirmar que todos se originam em virtude de alguma causa, não devendo-se admitir o não causado: não deve-se dar cabimento a reflexões gratuitas, a um movimento repentino dos corpos originado sem causa alguma antecedente, nem a um ímpeto impulsivo da alma sem que nada a tenha feito realizar algo que antes não realizava<sup>16</sup>.

No transcorrer do texto, Plotino enumera e exemplifica quatro causas possíveis entre os seres passíveis de causa: a vontade, a arte, o acaso e a natureza. Destas, a única que se estende a todos os seres da natureza é a quarta, visto que no cosmos todos os seres (diga-se os seres não morais) estão constantemente imbuídos e movidos por necessidades naturais que o Filósofo nomeia de causas naturais<sup>17</sup>. O fato é que para o Licopolitano, a causa e o efeito é uma lei imutável e inquebrável no cosmos, existindo

<sup>14</sup> SAN AGUSTÍN, *Del orden*, op. cit., I, 5, 14: «Ouis neget, Deus magne, inquit, te cuncta ordine administrare? Quam se omnia tenent! quam ratis successionebus in nodos suos urgentur! quanta et quam multa facta sunt ut haec loqueremur!». Esta afirmação foi proferida por Licêncio, todavia, não é negada por Agostinho em momento algum no diálogo.

<sup>15</sup> São elas: o Físico-Mecânico dos Atomistas, o Astrológico e o Psicofísico dos Estóicos (Cf. J. IGAL, «Introducción General», in PLOTINO, *Enéadas*, intr., trad. y notas Jesús Igal, Editorial Gredos, Madrid 1982, p. 17).

<sup>16</sup> PLOTINO, *Enéadas*, intr. trad. y notas Jesús Igal. Editorial Gredos, Madrid 2008, III, 1, 1, 15-20.

<sup>17</sup> Cf. *Ibidem*, III, 1, 1, 30-35.

assim uma racionalidade em todos os acontecimentos naturais. Essa causalidade dos acontecimentos naturais possui certa racionalidade devido a ser governada pela *Psyché* inspirada no *Nous*, o referido governo, Plotino chama de providência. Assim sendo, todos os acontecimentos naturais são abarcados pela providência psíquica: «A providência deve estender-se a todas as coisas e a sua tarefa deve consistir nisso: em não haver-se descuidado de nenhuma»<sup>18</sup>. Isso não quer dizer que todas as coisas que acontecem no mundo são de responsabilidade da Providência, mas que o cosmos foi ordenado com suas leis pela alma, e que a trama de acontecimentos cósmicos está no controle dela<sup>19</sup>.

Parece-nos que no que tange a causação e providência cósmica, Agostinho não se afastou muito de Plotino, a não ser no fato de que para o Hiponense, Deus que é o responsável pela providência, é um ser pessoal que possui uma relação pessoal com a sua criação. No Licopolitano é uma consequência necessária da processão.

Segundo Santo Agostinho, a regularidade dos fenômenos da natureza é uma prova de que o cosmos é regido por leis contínuas estabelecidas pelo Supremo Ordenador, pois, até nas mínimas criaturas é possível enxergar uma regularidade, ordem e beleza. Quer dizer, todas as criaturas da natureza, sejam elas maiores ou menores, mais nobres ou inferiores, racionais ou irracionais, possuem ordem e regularidade, o que demonstra que são regidas por leis embutidas na natureza, que são racionalmente projetadas, pois, além de regularidade é possível enxergar no cosmos uma lógica em seu funcionamento. Portanto, toda essa ordem e regularidade nos movimentos e sons dos seres criados são belos, e na medida em que foram ordenados por um ordenador que está fora da esfera do criado, o ato criacional faz Dele um artista que conduz a ordem, para que ela exprima beleza, equilíbrio e vida em seu funcionamento.

É também para se notar quão numerosa e quão suave a beleza das melodias transmitidas pelo ar, como por exemplo, o canto do rouxinol. A alma desse passarinho não produziria tais melodias tão livremente se não encontrasse essa impressão sob forma incorpórea, em movimento vital. Essas observações servem para todos os outros seres vivos, carentes de razão, mas não de sentidos. Nenhum deles, quer pelos sons emitidos, quer por

<sup>18</sup> *Ibidem*, III, 2, 6, 20-25. Cf. também: *Ibidem*, III, 2, 7, 35-40.

<sup>19</sup> Cf. J. IGAL, «Introducción General», op. cit., p. 80; PLOTINO, *Enéadas*, op. cit., III, 2, 9, 1-5.

outro movimento ou atividade de seus membros, deixa de apresentar um não sei quê de harmonioso em seu gênero. E não foi conseguido por qualquer aprendizado, mas pelas leis secretas da natureza, reguladas pela imutável lei dos números, origem de toda harmonia<sup>20</sup>.

O exemplo acima é bastante apropriado para dissertar acerca da ordem, porque o referido animal mesmo não sendo uma criatura racional (*quae ratione carentia, sensu tamen non carent* – carentes de razão, mas, não de sentidos), mostra em seu comportamento certa ordem racional, que revela que é guiado em seu modo de ser por um ordenamento belo e harmônico, embora para o mesmo não passe de algo puramente instintivo. O canto do rouxinol demonstra que até os acontecimentos mais fortuitos da Natureza possuem ordem, e fazem parte de uma ordem cósmica estabelecida por Deus, para que o cosmos se mantenha em harmônico equilíbrio, como uma orquestra bem conduzida por um maestro, que neste caso não só rege, como também compôs as melodias tocadas pela orquestra. Para que até mesmo um som de um pássaro, ou a vocalização de um símio produza beleza por estarem inclusos na imensa sinfonia da Natureza, expresso no citado trecho como a imutável lei dos números (*ab illa incommutabili numerorum lege modulates* – regulado pela imutável lei dos números).

Segundo Aurélio Agostinho, nada na ordem da Natureza é casual, pois tudo está regido pela ordem da Providência divina; as regras da música, as leis da matemática e muitas outras leis que ordenam o funcionamento do mundo, são provas cabais de que tudo funciona segundo leis determinadas pelo decreto divino. Apenas por esse motivo existe alguma funcionalidade nesse mundo, pois, se assim não fosse,

<sup>20</sup> SAN AGUSTÍN, *De la verdadera religión*, in *Obras completas de san Agustín*, ed. bilingüe, trad., intr. y notas Victorino Capanaga, La Editorial Católica/BAC, Madrid 2011, t. IV, 42, 79: «Deinde illud cogitandum est, quam numerosas, quam suaves sonorum pulchritudines verberatus aer traiciat cantante luscinia, quas illius aviculae anima non, cum liberet, fabricaretur, nisi vitali motu incorporaliter haberet impressas. Hoc et in ceteris animantibus, quae ratione carentia, sensu tamen non carent, animadverti potest. Nullum enim horum est, quod non vel in sono vocis, vel in cetero motu atque operatione membrorum, numerosum aliquid et in suo genere moderatum gerat, non aliqua scientia, sed tamen intimis naturae terminis, ab illa incommutabili numerorum lege modulates».

segurança alguma teríamos de que amanhã possuiríamos ar para respirar, chuvas, luz do sol, etc. Enfim, a vida no planeta seria uma cadeia de acasos, impossibilitando a determinação de quaisquer leis universais: «Já na música, na geometria, nos movimentos dos astros, nas rígidas regras dos números a ordem domina de tal modo que, se alguém deseja ver a sua fonte e o interior de seu santuário, ou os encontra neles mesmos ou é guiado por eles até lá sem erro algum»<sup>21</sup>.

Logo, Agostinho em sua reflexão sobre a natureza, percebeu a existência de um padrão que se repete, dando certa regularidade na ocorrência dos fenômenos naturais, sendo, portanto, incogitável um universo sem nenhum tipo de ordem<sup>22</sup>. Sem certa organização, a vida simplesmente não seria possível, muito menos o conhecimento da natureza seria factível, mas, segundo o Hiponense, essa ordem natural está apoiada e dirigida sob um ordenamento sobrenatural. Deus criou a ordem natural e a mantém, tornando a vida possível, estável e bela.

Apesar de Santo Agostinho insistir em defender a existência de uma ordem universal, não devemos confundir esta tese com a doutrina determinista, embora existam algumas semelhanças. No determinismo, a teleologia de cada coisa existente é tão previamente determinada que até as ações dos homens ou de qualquer outra criatura são previamente estabelecidas, não sendo, portanto, possível falar-se em liberdade, pois, tudo o que acontece possui causa e efeito previamente determinado que

<sup>21</sup> SAN AGUSTÍN, *Del orden*, op. cit., II, 5, 14: «Iam in musica, in geometria, in astrorum motibus, in numerorum necessitatibus ordo ita dominatur ut si quis quasi eius fontem atque ipsum penetrale videre desideret, aut in his inveniat aut per haec eo sine ullo errore ducatur».

<sup>22</sup> É sabido que Agostinho não foi o primeiro a defender que o mundo é regido por uma ordem regular, ordem essa expressa por leis submersas na natureza, mas afirmar isso no princípio da Idade Média constitui um considerável avanço, e portas abertas para as investigações científicas, pois, é a pressuposição da existência de leis da natureza que possibilita e fundamenta as pesquisas científicas, como comenta Mariano Artigas: «Pode-se afirmar que a ordem é uma característica básica da natureza, e uma das mais importantes: as ciências pressupõem a existência dessa ordem e procuram conhecê-la detalhadamente, e a Filosofia da Natureza concentra-se, em boa parte, na reflexão acerca da ordem natural» (M. ARTIGAS, *Filosofia da natureza*, trad. José Eduardo de Oliveira e Silva, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, São Paulo 2005, p. 135).

acontecerá necessariamente, fatalisticamente. Como bem comenta José Ferrater Mora:

Numa acepção geral, o determinismo sustenta que tudo o que houve, há e haverá, e tudo o que aconteceu, acontece e acontecerá, está de antemão fixado, condicionado e estabelecido, não podendo haver nem acontecer senão o que está de antemão fixado, condicionado e estabelecido<sup>23</sup>.

Na ordem cósmica, segundo o Pensador de Hipona, Deus não determina cada acontecimento particular, mas cria as leis gerais e necessárias que conduzirão as criaturas para determinado fim. Por outro lado, não podemos dizer que os fatos fortuitos da Natureza não interessam ao Criador, pois mesmo estes estão no controle de seu governo<sup>24</sup>. Outro fator que distancia o referido assunto do determinismo é o humano, pois o homem sendo um ser moral pode agir contra a ordem, não só quebrando seu equilíbrio como o das outras criaturas. Além disso, se assumirmos um conceito mais rigoroso e delimitado de determinismo, em que só podemos chamar de doutrina determinista quando todos os acontecimentos estão pré-fixados em um determinado sistema fechado, não admitindo assim nenhuma interferência externa ao sistema que possa de alguma maneira alterar o desenvolvimento do sistema<sup>25</sup>, mais uma vez não podemos chamar a ordem do cosmos agostiniana de determinista, visto que Deus, um elemento externo ao sistema dos seres sensíveis da Natureza, não só mantém como intervém na ordem quando entende ser necessário. Logo, é mais coerente denominar a referida ordem ao invés de determinista, de Divina providência.

Segundo o Filósofo cristão, a ordem universal está diretamente relacionada à providência de Deus, e observando a ordem nesta perspectiva nos aproximamos do determinismo. Pois, a Providência divina nesse contexto é dita com a intenção de afirmar que tanto a causa eficiente como a final não é casual, mas previamente determinada, sendo, portanto, uma provisão divina para a manutenção do cosmos. Também com a Providência se afirma que tudo o que acontece no cosmos, segundo

<sup>23</sup> J. F. MORA, *Dicionário de filosofia*, trad. Maria Stela Gonçalves, Loyola, São Paulo 2001, tomo 1, p. 690.

<sup>24</sup> Cf. SAN AGUSTÍN, *Del orden*, op. cit., I, 1, 1

<sup>25</sup> Cf. J. F. MORA, *Dicionário de filosofia*, op. cit., p. 692.

a ordem ou contra ela, está no controle do Ordenador Supremo, quer dizer, Deus sabe de todos os acontecimentos, e se ele quiser pode interferir no momento em que preferir. A Providência está em íntima conexão com a criação, quase como termo intercambiável<sup>26</sup>, na medida em que estamos dissertando não a respeito de um Deus impessoal como o *Uno* de Plotino, o *Demiurgo* de Platão ou o *Motor Imóvel* de Aristóteles, mas de um Deus pessoal que possui um relacionamento pessoal com a sua criação. Como escreve Rosaura Tuduri:

O modo implica a ordem com que a inteligência perfeita estrutura seu plano. Nada se realiza sem razão, ordem e fim, porque tudo está submetido a uma ordem *necessario rerum ordine includitur*, que é a ordem da divina providência. Por isso o mundo não está abandonado ao fatal mecanismo das leis naturais, pois o Criador intervém providencialmente<sup>27</sup>.

<sup>26</sup> Ludwig Feuerbach em sua *Essência do Cristianismo* comentando acerca da *creatio ex nihilo*, afirma existir uma interdependência entre a doutrina da criação a partir do nada e a doutrina da providência, pois só um Deus plenipotente que cria *ex nihilo* pode controlar e quebrar as leis do universo: «Todos os milagres foram justificados, explicados e exemplificados pela plenipotência que criou o mundo a partir do nada. Aquele que criou o mundo a partir do nada, por que não poderia transformar vinho em água, fazer com que um asno proferisse palavras humanas, fazer jorrar água de uma rocha? [...] A criação a partir do nada só pode ser explicada e compreendida em conexão com a providência» (L. FEUERBACH, *A essência do cristianismo*, 2. ed., trad. José da Silva Brandão, Papirus, Campinas 1997, pp. 144-145). Sabemos que Feuerbach ao comentar a providência cristã e a criação *ex nihilo*, pretendia provar que essas duas doutrinas não passam de hipostatização das vontades e necessidades humanas em uma pessoa divina, mas teologicamente sua análise da relação interdependente entre a criação e a providência é extremamente coerente.

<sup>27</sup> R. G. TUDURI, «*La estética en la filosofía de San Agustín*» in VV. AA., *Estudios sobre Santo Agostinho*, [S.1: s.n, S. L.] 1950, p. 14. Cf. também E. GILSON, *O espírito da filosofia medieval*, trad. Eduardo Brandão, Martins Fontes, São Paulo, 2006, p. 210. No tratado *De vera religione* Agostinho comenta: «Assim, toda a luta pela vida que enfrentamos está ordenada como convém, pela divina providência imutável. Ela dá um papel aos vencidos, tal outro aos combatentes, tal outro aos vencedores, tal outro aos espectadores, tal outro às almas pacíficas – essas contempladoras do único Deus - *sic totum istum agonem decenter edit incommutabilis divina providentia, aliud victis, aliud certantibus, aliud victoribus, aliud spectatoribus, aliud quietis et solum Deum contemplantibus tribuens*» (SAN AGUSTÍN, *De la verdadera religión*, op. cit., pp. 40, 76).

Logo, a concepção do Hiponense sobre a providência pressupõe que um Deus amoroso e pessoal tudo criou, não abandonando sua criação a uma fatalidade cega, mas governa e dirige tudo com amor. Em suma, a providência criacionista de Agostinho e o determinismo estão longe de ser intercambiáveis, pois, a providência é uma consequência necessária de se afirmar que um Deus: pessoal, onisciente, onipresente, onipotente, amoroso, justo, criou tudo o que existe. Além do fato de que o homem sendo portador da racionalidade pode agir contra o propósito para o qual foi criado.

Embora a ordem divina tudo abarque, Agostinho confessa que alguns fenômenos naturais são difíceis de explicar como se encaixam na mesma, impelindo muitos a crerem que não há nenhuma providência ordenadora no cosmos:

[...] horrorizados por tanta escuridão e confusão das coisas, não enxergam causa alguma e, querendo que as causas ocultíssimas lhes sejam manifestas, frequentemente lamentam os seus erros até mesmo com poemas. Ainda que perguntem por que os italianos sempre pedem invernos suaves, e nossa pobre getúlia sempre está tão árida, quem lhe poderá responder com facilidade? <sup>28</sup>

Como explicar o papel de fenômenos como estas intempéries do tempo dentro da ordem, onde em muitos locais que já são férteis chove até transbordar, enquanto outros que muito necessitam de chuva, ela não vem e muitos morrem de sede? Tal explicação que o Hiponense chama de causa ocultíssima, é difícil de compreender não por deficiência na ordem, mas devido a limitações da mente humana.

<sup>28</sup> SAN AGUSTÍN, *Del orden*, op. cit., II, 5, 15: «[...] *possunt in animum inducere et tamen rerum tanta quasi caligine atque commixtione turbati nullum ordinem vident, volentes sibi nudari abditissimas causas, errores suos saepe etiam carminibus conqueruntur. Qui si hoc solum interrogent, cur Itali semper serenas hiemes orent et item semper Getulia nostra misera sitiatur, quis eis facile respondebit?*».

### Referências bibliográficas

AGUSTÍN, San, *Del orden*, in *Obras completas de San Agustín*, 6. ed. bilingüe, trad. Intr. y notas Victorino Capánaga, La Editorial Católica / BAC, Madrid 1994, t. I, pp. 587-772.

— *De la verdadera religión*, in *Obras completas de san Agustín*, ed. bilingüe, trad. intr. y notas Victorino Capánaga, La Editorial Católica/BAC, Madrid 2011, t. IV, pp. 3-203.

ARISTÓTELES, *Metafísica*, trad. Giovanni Reale, ed. bilingüe, trad. Marcelo Perine, Loyola, São Paulo 2002, vol. II, 695 p.

ARTIGAS, M., *Filosofia da natureza*, trad. José Eduardo de Oliveira e Silva, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, São Paulo 2005, 462 p.

BROWN, P., *Santo Agostinho. Uma biografia*, trad. Vera Ribeiro, Record, Rio de Janeiro 2005, 669 p.

CAPANAGA, V., “*Introducción general: el universo Agustiniiano*”, in AGUSTÍN, San, *Obras completas de San Agustín*, trad. intr. y notas Victorino Capanaga, 6. ed., La Editorial Católica / BAC, Madrid 1994, t. 1, pp. 1-292.

FARIA, E., *Dicionário latino-português*, Livraria Garnier, Belo Horizonte 2003, 1081 p.

FERREIRA, A.R.A.A.F., *Do escondido: Santo Agostinho e os limites da estética*, Universidade de Lisboa, Lisboa 2012, 387 f. Tese (Doutorado em Filosofia).

FEUERBACH, L., *A essência do cristianismo*, 2. ed., trad. José da Silva Brandão, Papirus, Campinas 1997, 396 p.

GILSON, É., *O espírito da filosofia medieval*, trad. Eduardo Brandão, Martins Fontes, São Paulo 2006, 591 p.

IGAL, J., “*Introducción General*”, in PLOTINO, *Enéadas*, intr., trad. y notas Jesús Igal, Editorial Gredos, Madrid 1982, pp. 28-32.

MORA, J. F., *Dicionário de filosofia*, trad. Maria Stela Gonçalves, Loyola, São Paulo 2001, t. I.

PACIONI, V., “*Orden*” in FITZGERALD, Allan D. (org.), *Diccionario de san Agustín: San Agustín a través del tempo*, trad. Constantino Ruiz-Garrido, Editorial Monte Carmelo, Burgos 2006, pp. 964-966.

PLOTINO, *Enéadas*, intr. trad. y notas Jesús Igal. Editorial Gredos, Madrid 2008, liv. III, IV. 559 p.

SARAIVA, F. R. S., *Dicionário latino – português*, Livraria Garnier, Belo Horizonte 2006, v. 1, 297p.

OLIVEIRA e SILVA, P., *Ordem e mediação. A ontologia relacional de Agostinho de Hipona*, Letra e Vida, Porto Alegre 2012, 313 p.

TUDURI, R. G., “*La estética en la filosofía de San Agustín*”, in VV. AA., *Estudios sobre Santo Agostinho*, [s.n, S.l] 1950, pp. 11-21.